

## ***Educação ambiental na literatura moçambicana: olhares sobre as estratégias didático-metodológicas***

**Luís Ausse**

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

**Resumo:** O propósito deste estudo é analisar o papel dos animais na educação ambiental no ensino da literatura moçambicana. Seleccionamos algumas obras literárias, cujas histórias envolvem ações indiretas ou diretas de animais para examinar o ecossistema dos não humanos e humanos. Em aula, a abordagem transdisciplinar, que dê conta às interações mútuas, suas semelhanças e diferenças na forma de agir e os respetivos embates, propicia adoção de perspectivas didático-pedagógicas para a valoração das subjetividades desses outros (MACIEL, 2022b; LOURENÇO, 2021). Os resultados mostram que a maioria dos textos recorre à utilização dos animais para fins estéticos (símbolo/metáfora) e os professores lecionam a literatura no modelo que o currículo impõe, sem que estes inovem essa prática; o que está a quem da educação ambiental.

**Palavras-chave:** Animais. Educação ambiental. Não humanos. Humano. Literatura.

**Abstrac:** The purpose of this study is to analyze the role of animals in environmental education in the teaching of Mozambican literature. I selected some literary works, whose stories involve indirect or direct actions of animals to examine the ecosystem of non-humans and humans. In class, a transdisciplinary approach, which takes into account the mutual interactions, their similarities and differences in the way of acting and the respective clashes, favors the adoption of didactic-pedagogical perspectives for the valuation of the subjectivities of these others (MACIEL, 2022b; LOURENÇO, 2021). The results show that most texts resort to the use of animals for aesthetic purposes (symbol/metaphor) and teachers teach literature in the model that the curriculum imposes, without them innovating this practice; what's the who of environmental education.

**Keywords:** Animals. Environmental education. Not human. Human. Literature.

## INTRODUÇÃO

O uso dos animais como um recurso estético na literatura universal é uma questão muito antiga. Os gregos, na Antiguidade, por exemplo, exploraram o simbolismo dos animais em textos épicos de *Ilíada*, *Odisseia* e Homero. Algumas divindades da mitologia greco-romana e egípcia tinham, maioritariamente, características zoomórficas de animais (serpente, cão e leão).

No contexto moçambicano, a produção literária é apoiada na fala de animais, do poder mágico das plantas ou de florestas sagradas. Em muitos dos contos, os animais são empolados como personagens que transfiguram ou aduzem, simplesmente, comportamentos humanos, deixando o verdadeiro papel educativo na preservação do meio ambiente, que estes dariam como ganho, se fossem explorados fora do paradigma (somente) ficcional.

As histórias que envolvem ações de animais são o escopo da literatura oral. Para salvaguardar possíveis conflitos, as histórias de animais contadas por *griots* ou pessoas com conhecimentos da comunidade traduzem simbolicamente vários comportamentos humanos. Comumente, recorre-se ao coelho (animal matreiro), por exemplo, para transfigurar comportamentos de indivíduos espertos e perspicazes da comunidade; o macaco para simbolizar pessoas ociosas e que vivem à custa de outrem; o leão como um símbolo de poder e a tartaruga, o que aduz persistência. Alguns indivíduos atribuem-se nomes dos animais, como pseudônimos, para expressar a sua valentia, celebrar uma traição, encobrir algumas atitudes e símbolo de resistência.

Em alguns casos, evocam-se histórias dos animais com o fito educativo e/ou religioso. Por exemplo na cultura *chewa* e *yawo*, os animais são evocados para celebrar certos rituais. O *yawo* imerge no *makwalo* (ritual de caça) para rememorar de que “os pronomes cosmológicos atribuídos e/ou a subjetivação espiritual dos animais são uma teoria de que o universo é povoado por não humanos dotados de perspectivas próprias”. (AUSSE, 2022, p.60). O *chewa* defende que

cada dançarino representa um personagem especial relacionado à máscara ou estrutura animal que usa. Os *zilombos* [feras] são grandes construções que cobrem todo o corpo e representam maioritariamente animais, sendo que as máscaras que cobrem a face são essencialmente espíritos ancestrais. O segredo por trás de *nyau* incorpora linguagem codificada, enigmas, metáforas, mitos e sinais. (BOUCHER, 2012, p.105).

A literatura moçambicana é caracterizada por existir muitos autores que se socorrem desses enigmas, mitos, sinais e metáforas traduzidos pelas subjetividades dos animais para escrever os seus livros de contos ou romances. Por intermédio da animalidade, uns denunciam as malefícências políticas dos sistemas que viveram, outros atacam os vícios sociais da sua altura, perdendo de vista o contributo que estas histórias dariam para uma educação ambiental. Uma lacuna que nos apropriamos para servir de escopo do presente estudo.

## O PAPEL DOS NÃO HUMANOS NA LITERATURA MOÇAMBICANA

Antes de nos debruçarmos sobre o papel dos não humanos, gostaríamos explicar que neste artigo privilegiamos o uso do atributo *não humanos* para nos referirmos aos entes que tradicionalmente são conhecidos por animais irracionais, como um pretexto para se diferenciar dos seres humanos. Para contrapor essa lógica e como estratégia de conciliação da nossa tese principal, ao longo de todo o texto tratamos-lhes por não humanos, com vista a valorização desses outros, que ajudam para a existência de vidas na terra.

Assim, o termo *não humano* ouve-se pela primeira vez na literatura em 1980, com os estudos de Jacques Ferreira. Um filósofo contemporâneo que contribuiu bastante para o avanço de reflexões sobre os animais e o limite humano. No Brasil, as pesquisas com essa temática começaram a ser publicadas em 2002, mercê da palestra proferida por ele, em 1997, com o tema *L'animal que donc je suis*. O seu principal argumento ficou formulado a partir da surpresa do estado de nudez e o olhar do seu gato de estimação, o que lhe intrigou sobre aquele olhar e o saber que sustentava.

Segundo Maciel (2022a), os primeiros debates que se subverteram ao antropocentrismo, que deram lugar o surgimento do termo *não humano*, datam-se em 2004, com Silviano Santiago que estreou o *Bestiário*, um ensaio que abordou dos bichos em diversas configurações e metamorfoses de animais comuns, como o cavalo, o búfalo e a baleia, trazidos de forma incomum por Clarice Lispector. Mais tarde, Benedito Nunes tornava-se o precursor ao proferir, em 2005, a palestra *O animal e o primitivo: os outros da nossa cultura*. Nunes lidou-se pela primeira vez com os viventes não humanos da escrita de Clarice, explorando a figura da barata. Em *Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio*, Eduardo Viveiro de Castro, um outro acadêmico brasileiro, transita para uma linha instigante no tratado ameríndio da animalidade.

O Brasil detém três momentos do tratamento animal, tomando em conta os aspectos éticos e políticos, nomeadamente:

O primeiro ancorado pelos escritos de Machado de Assis, quando os princípios cartesianos legitimam no Ocidente a cisão entre humanos e não humanos, escreveu contos, crônicas e passagens de romances à condição dos animais num mundo dominado pela ciência e pelo triunfo do racionalismo moderno. O segundo momento circunscreve a autores como Graciliano Ramos, João Alphonsus, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Hilda Hilst e Manoel de Barros, entre outros, marcam um novo momento ao lidarem [...] com as relações entre homens e animais sob um enfoque empático e libertário, manifestando sua cumplicidade com esses outros viventes e atentos aos aspectos éticos que a eles dizem respeito. [O terceiro momento situa-se] no final do

século XX e início do século XXI, com o peso da questão dos animais, numa realidade marcada por catástrofes ambientais, extinção de várias espécies, crescimento acelerado das granjas e fazendas industriais entre outras práticas nocivas ao mundo natural. Nesse último grupo entrariam autores como Astrid Cabral, Olga Savary, Wilson Bueno, Leonardo Fróes, Nuno Ramos, Regina Rheda, Sérgio Medeiros, Josely Baptista Viana e Eucanaã Ferraz. (MACIEL, 2022a, p.8-9).

As discussões desses autores pugnam por um novo paradigma – a virada animal. O que introduz várias perspectivas epistemológicas que parte desde o afeto até o exercício da animalidade, perpassando pela crítica ao antropocentrismo e por uma consciência ecológica, através da qual se realiza a travessia para o mundo não humano. Essas perspectivas deram lugar o surgimento de novos campos da literatura, tais como: *a ecocrítica, a zooliteratura, a etologia e a biopolítica*; áreas que estudam o comportamento dos animais e atêm que o homem não é o único dotado de subjetividade. A partir da etiologia, várias pesquisas apontam que “[...] muitas espécies não humanas são providas de consciência [...]”. (MACIEL, 2022b, p.97).

Como podemos verificar, já começam a emergir estudos na área da literatura e outros campos científicos que apoiam a tese de que os animais dispõem de uma consciência e são sujeitos, caindo em terra a questão da irracionalidade animal defendida pelo antropocentrismo, um pretexto para subjugar o “outro”.

Para Maciel (2022b), o reconhecimento da noção de sujeito a outros indivíduos passa pela adoção de novos paradigmas e admissão da limitação das nossas investigações para que possamos descobrir na plenitude essas subjetividades. Ainda, temos que admitir que a literatura não dispõe de um exército suficiente de escritores que mergulham a interioridade desses sujeitos, buscando, por vias racionais, os saberes, pensamentos e sentimentos, traduzindo-os em linguagem humana.

No contexto moçambicano, de entre várias obras do mundo literário que corporizam histórias de animais e incorporam tais fragilidades, tradicionalmente conhecidas por fábulas, por uma questão metodológica, fizemos um recorte e apresentamos breves análises, tomando em conta às novas perspectivas epistemológicas que visam a preservação do meio ambiente.

Assim, Honwana (2014), no seu romance *Nós matamos o cão tinhoso*, de forma metafórica, começa descrevendo o cão tinhoso que ostentava olhos azulados, sem nenhum brilho, “mas eram enormes e estavam sempre cheios de lágrimas, que escorriam pelo focinho. Metiam medo aqueles olhos, assim tão grandes, a olhar como uma pessoa a pedir qualquer coisa sem querer dizer”. (HONWANA, 2014, p.23). Este autor, de forma sarcástica, socorre-se do cão doentio para denunciar o sistema colonial. Os olhos azuis são uma das características do homem branco, o qual metia medo por causa das atrocidades que naquela altura cometia. Por exemplo, muitos

moçambicanos foram torturados e mortos pela Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE), como forma de os desencorajar a aderir à luta armada de libertação nacional e outros foram forçados a trabalhar em monoculturas e na construção de linhas férreas.

No seu romance *O Alegre canto da perdiz*, simbolicamente, Chiziane (2008) vale-se de um animal (perdiz) para descrever o sofrimento imposto pelo colonialismo, mesclando temas como o preconceito, a relação do poder, o patriarcado e a misoginia. Nas duas obras literárias, notamos o apagamento do verdadeiro papel do animal. Estes dois autores usam a metáfora para denunciar a precaridade da sociedade da altura, alicerçada por dois sistemas (colonial e patriarcal). Esta ausência de possibilidades para abordagem de outros papéis dos animais agrava-se pela existência de uma base curricular canonizada no ensino da literatura; o que limita aos escritores e aprendizes da disciplina de *Literatura Moçambicana* transcorrer uma outra forma de ver os não humanos, diante das suas particularidades.

Também Mukhwarura (2010), em seu romance *Nikonkwe: a reforma da prostituta*, de forma metafórica, traz *Nikonkwe*, uma ratazana-macho que morre na primeira cópula com uma fêmea. Simbolicamente, o autor recorre ao comportamento do animal para comparar com a morte de um homem que lhe foi decepado os órgãos genitais por uma prostituta. Valemo-nos das palavras do próprio escritor para testemunhar a morte de *Nikonkwe*: “o cadáver tem os órgãos decepados, os olhos entupidos de merda e a alma vazia de si. Vale a pena morrer sem sexo, porque é menos uma razão de stress lá no altar celeste”. (MUKHWARURA, 2010, p.59).

Para além do crime denunciado nesse trecho proveniente, provavelmente, de ajuste de contas, percebe-se em outras passagens do texto a ocorrência de misoginia e proteção ao patriarcado: “se vós guardastes tudo quanto dizeis por todos esses séculos das vossas coxas sabotadas, da vida deste homem [...], vós sois cúmplices, criminosas, [...] prostitutas de merda, poliandras, que se deve julgar e aplicar a sanção merecida”. (MUKHWARURA, 2010, p.60-62). Este xingamento acontece após a morte do homem (*Nikonkwe*). Um incidente testemunhado pelo vizinho de um dos quartos do hotel. Como vítima de dois sistemas: patriarcado e político, a mulher foi deportada para uma

Terra mansa. Terra extensa. Terra afável. Terra sem principio e sem fim [Niassa]. O colonista dizia que fora encarcerada num destes centros secretos do Niassa. Fala de centros prisionais arbitrários, campos de reeducação, tudo à mistura, que, ao certo, pouco deixava transparecer. (MUKHWARURA, 2010, p.68).

Buscamos discussões em algumas passagens dos textos desses escritores, como forma de pontuarmos as evidências que atestam que a literatura moçambicana tem um descaso com o novo

advento teórico-epistemológico, uma vez que exclui o papel dos não humanos. Ou seja, a literatura moçambicana só se preocupa com a dimensão sociopolítica, deixando à parte em discutir sobre os eventos extremos que ocorreram e destruíram o país nos últimos anos, como é o caso de cheias e ciclones, que podem ter ocorrido pelo tratamento marginalizado e inferiorizado desses outros.

Por outro turno, procuramos analisar dois livros de contos, nomeadamente: *Contos moçambicanos do vale do Zambeze* e *O Ngano: contos populares da província de Manica*, por julgarmos haver uma interseccionalidade no âmbito da sua estrutura, dos elementos constitutivos e de regionalidade literária.

Em *Contos moçambicanos do vale do Zambeze*, Rosário (2007) faz uma compilação de contos populares que muitos deles são de viés sociais e coexistentes só no vale do Zambeze; como o autor nos quer transmitir. Em contrapartida, esses contos não são só do vale do Zambeze, pois coocorrem em outras comunidades moçambicanas – o que é característica da literatura oral.

Os aludidos contos do vale do Zambeze são uma materialidade coletiva porque não possuem uma propriedade intelectual que os reivindique autoria, isto é, não têm um autor definido. São chamados por contos populares. Aliás, a forma de narrar as histórias é uniforme em todas as comunidades moçambicanas. Outrossim, todos os contos populares partilham o mesmo patrimônio imaterial, que consiste em tensões entre grupos sociais, as quais se registram em todos os textos em análise. Concomitantemente, a maioria dos contos narra as histórias de maneira simbólica. A única diferença reside na língua que são passadas as mensagens, pois Moçambique é um país multilingue – uma vez que esses autores fizeram uma compilação em português dos tais contos.

*O Ngano: contos populares da província de Manica*, de Artur (2013), é um livro de contos que dialoga literalmente com os textos de Lourenço do Rosário. Primeiro, porque Manica é uma das províncias do centro de Moçambique, uma região atravessada pelo rio Zambeze. Ademais, alguns dos seus distritos se situam no vale do Zambeze; ou seja, partilham a mesma regionalidade literária. Segundo, todos os personagens dos dois livros são animais, a saber: macaco, leão, impala, leopardo, cágado, crocodilo e elefante; subdivididos entre ruminantes e predadores.

As histórias sobre o coelho e o macaco das páginas 14 e 29, dos livros de contos de Lourenço do Rosário e Domingos do Rosário Artur, dialogam substancialmente. Nas duas histórias, o coelho é tido como animal matreiro e que se aproveita da distração do amigo macaco para lhe ser ardil. Uma proposta interessante para uma análise temática no ensino da literatura,

evitando a abordagem tradicional sobre os elementos da narrativa, que caracteriza a escola moçambicana de literatura.

Voltando à questão social, notamos que os contos desses dois escritores constituem histórias que encarnam hipocrisias entre os personagens; sendo o coelho o centro do valor das artimanhas. Esses textos rememoram-nos os valores e atitudes rejeitados pela sociedade moçambicana, que vão desde a falta de lealdade, a insuficiência de retidão, a mentira, o incesto, a desonestidade, o abuso do poder às relações do poder. Porém, o uso dos animais para fins estéticos ao invés de desenvolver relações de reciprocidade, subsiste e reforça o antagonismo entre humanos e não humanos. Essa ausência de coexistência harmoniosa entre os humanos e não humanos pode gerar sérios problemas ambientais, pois a “relação é intermediada por forças estranhas”. (AUSSE, 2022, p.52).

Em terceiras leituras, registramos que recentemente a literatura feminista moçambicana ganhou da poeta Deusa D'África uma obra intitulada *Cães à estrada e poetas a morgue*, cuja abordagem retoma o recurso ao animal (não humano) como simbolismo para, de maneira irônico-satírica, denunciar as vivências de uma sociedade corrompida. Nessa obra, a escritora “traz à baila temas como: morte, fome, guerra civil, corrupção, sexo, pornografia, machismo, inconformismo, militância, infância roubada, ingenuidade induzida, dentre outros...”. (FREITAS, 2022, p.505). No nosso entender, este ensaísta enxerga, de forma preocupada, os temas que atribulam os tempos modernos, como as pandemias, os crimes ambientais, o neocolonialismo, o feminicídio, o racismo, a homofobia, a transfobia, o negacionismos e a necropolítica. Porém, o faz de forma mesclada com os crimes ambientais.

Para nós, as outras temáticas permeiam todos os tempos e não suplantam suficientemente à questão ambiental. Com essa reflexão, não queremos menosprezar a atenção das outras questões que mexem com a nossa sociedade. A nossa percepção é que quando se trata de uma crise ambiental, ninguém se escapa dos seus danos, desde o político déspota, homofóbico/transfóbico, racista ao feminicida. Aliás, se não unirmos esforços para abordarmos seriamente o quesito ambiental, as consequências estão porvir são catastróficas.

Resumindo, a forma de construir os textos por parte de muitos escritores moçambicanos é fundamentada por duas razões: a primeira é justificada por constituir uma obrigação social do escritor em compilar as histórias do repertório oral. A segunda é, em nossa percepção, um exercício de reprodução de como a escola e a literatura “universal” lhes ensinou. Todavia, este formato



demonstra-se ser excludente porque anula o papel dos não humanos e dos seus valores, no entanto, entes possuidores de subjetividades, como bem o referimos.

## A QUESTÃO AMBIENTAL E O ENSINO DA LITERATURA

A literatura oral é um instituto social, do qual muitos escritores se apropriam das suas narrativas, através das experiências, ou por intermédio das suas vivências, para a construção de muitos contos e histórias. O contexto moçambicano é um desses que responde esta tese. Os textos que acima apresentamos representam o quão são proveitosas as nossas manifestações culturais, no entanto, patrimônio imaterial coletivo.

O papel metafórico atribuído pelos humanos aos não humanos é notório em muitas passagens textuais, a exemplo do excerto do texto *O coelho e o macaco*, do escritor Lourenço do Rosário:

O coelho e o macaco eram amigos.  
Um dia, o coelho disse: amigo, vamos abrir uma machamba de amendoim. Está bem, respondeu o macaco.  
Havia muita fome na povoação.  
Quando começaram a abrir o campo, o macaco ria, saltava, brincava e trabalhava pouco.  
O coelho tirou o capim, cavou, semeou quase toda a machamba praticamente sozinho.  
(ROSÁRIO, 2007, p.14).

A intriga que percorre este trecho textual se assemelha ao *O macaco e o coelho*, do texto do escritor Domingos do Rosário Artur:

O macaco e o coelho eram amigos. Um dia, o coelho fingiu estar muito doente e pediu ao amigo que o carregasse nas costas até à sua casa. Julgando que ele estivesse realmente doente, o macaco o carregou.  
Passados alguns dias, o coelho foi ter com a mulher do macaco e, gíngando, disse:  
- O teu marido é meu empregado, por isso carrega-me sempre nas costas. (ARTUR, 2013, p.29).

Nestes fragmentos, se o macaco e o coelho tivessem acesso à linguagem verbal, teriam escrito o que melhor pensam e o que bem sabem fazer e não, simplesmente, representar ou encarnar atitudes dos humanos. Este quesito viola bastante o princípio da valorização do outro; o que resiste na literatura e continua em muitos os escritores,

que buscam habitar, ficcionalmente, a interioridade dos bichos, para depois traduzi-la em linguagem humana. Cientes de nossa incapacidade de rastrear, por vias racionais, os saberes, sentimentos, pensamentos e percepções desses outros, valem-se da empatia e da imaginação para atribuir-lhes uma voz e um espaço narrativo. (MACIEL, 2022, p.98-99).

Portanto, perduram ainda tentativas reducionistas aos não humanos (plantas e animais) à irracionalidade. O óbvio é que há uma limitação humana para compreender a cognição desses outros. O geotropismo, que é o crescimento das raízes ou vagens de algumas plantas em direção ao subsolo ou à superfície do solo, é um exemplo que deve ser considerado de uma inteligência dos



não humanos. Uma outra inteligência dos não humanos é o fototropismo - a capacidade de captar a luz solar mesmo que a planta esteja num lugar fechado, ou crescimento em direção à luz. A partir destes processos, entendemos que “a planta sempre está certa, o que pode estar errado é a interpretação humana”. (MALAVOLTA; ROMERO, 1979, p.32). Em animais, por exemplo, notamos que os movimentos migratórios dos seres alados que acontecem de inverno a inverno, percorrendo milhares de quilômetros para se acasalarem ou se alimentarem, são uma excelente execução racional. Com as alterações climáticas esses hábitos se vão mudando gradativamente, o que poderá trazer implicações graves. As consequências gravitarão para uma nova era – o antropoceno.

É preciso valorizar a natureza nas suas variadas dimensões, pois é uma entidade com sentimentos próprios e não inanimada e irracional, como a limitação humana a rotula. A propósito disso,

Mancuso sublinha que as plantas, enquanto organismos vivos, são profundamente capazes de aprender com a experiência. São portadoras de cognição específica e de mecanismos singulares de memorização. Elas, de forma extraordinária, lembram-se muito bem do momento em que devem florescer. As plantas, diz Mancuso, estão em nosso cenário há muito tempo, cerca de 600 milhões de anos e a quantidade de sua biomassa constitui ao menos 80% do peso de tudo que está vivo sobre a Terra. (TEIXEIRA, 2022, p.29).

A partir daqui, percebe-se que as plantas e os animais detêm mecanismos inteligentes a ponto de contornar e sobreviver de várias intempéries, de tal maneira que conseguem se adaptar à vaga de calor, alimentar-se no momento de turgência, evitar madeireiros, inclusive produzem mecanismos de defesas de vária ordem para evitar ruminantes ou predadores, incêndios, etc. Portanto, muitos dos textos das obras moçambicanas traduzem comportamentos indolentes e atitudes ruins, como é o caso da fragilidade da hiena; malandrice e ociosidade do coelho; arrogância e autoritarismo do leão e perseverança da planta ortiga, como símbolo de persistência de problemas sem solução. Diante disso, cabe ao professor de literatura, a partir da pedagogia histórico-crítica, criar catarse no aluno para que possa fazer uma visão sintética do objeto de que está sendo estudado.

Nos textos analisados, o antropoceno como fenómeno que mergulhará a Terra em caos nos próximos tempos não é referenciado, privilegiando apenas à questão social representada simbolicamente pelos animais e à sua ficionalidade. No entanto, o professor de literatura ao analisar os textos, cabe-lhe fazer desdobramentos, tomando em conta a atual degradação do meio ambiente causada por diversas formas do manejo da natureza. É preciso conscientizar aos alunos, mostrando-lhes que estamos num perigo iminente.

É momento de mudarmos de paradigmas na maneira que encarramos a animalidade dos não humanos. Temos que nos abrir e atermos à vida íntima de todos não humanos para os entendermos, tal como a ciência avançou para compreender o próprio ser humano, nas suas diferentes particularidades. Esta mudança de paradigma deve começar, desde a forma como descrevemos as ações dos animais nos textos, no entanto escritores/autores, às práticas docentes (seleção de textos para as aulas, muitas vezes considerados por fábulas) para uma educação ambiental. Já estamos sem tempo para que uma única aula de literatura não possamos falar das consequências do uso irracional dos recursos naturais.

Em plena crise ambiental, o ensino da literatura deve-se apropriar desses textos para realizar uma educação ambiental. Aliás, o ensino tradicional da literatura, o qual pauta em denominar por fábula aos textos com histórias que envolvem ações de animais ou recurso ao simbolismo, metáfora, animismo, prosopopeia, não só é reducionista, como também representa uma dificuldade didática em bem explorar as entranhas e os detalhes do outro. Só nos desataremos das amarras do modelo de ensino tradicional da literatura,

Se considerarmos como a finalidade de uma educação literária à formação de sujeitos livres e autônomos que exercitem a sensibilidade e criticidade em direção à uma compreensão mais sofisticada e efetiva do real a partir da mediação ficcional/poética, as escolhas didáticas e pedagógicas do professor revestem-se de uma importância enorme. (LOURENÇO; DAVI, 2019, p.80).

Nesse sentido, o ensino da literatura deve ser de viés transdisciplinar para que possa explorar as subjetividades dos não humano, discutir sobre “as diferenças e semelhanças, interações e embates, afinidades e dissonâncias entre seres humanos e não humanos” (MACIEL, 2022b, p.97), procurando eliminar o descaso entre esses dois entes. Para isso, cabe ao professor conduzir ao aluno a descobrir que a “educação é um fenómeno próprio dos seres humanos. Assim sendo, a compreensão da natureza da educação passa pela compreensão da natureza humana”. (SAVIANI, 2021, p.11). Para isso, a compreensão da natureza humana reside na valorização e coabitação com não humanos. É preciso que haja um intercâmbio entre espécies.

A exploração da natureza para o fim utilitário põe em perigo toda a vida na terra. Há que pensar que precisamos dos fungos, dos animais e dos vegetais para a nossa sobrevivência, caso contrário, nos depararemos em catástrofes de várias dimensões. Há evidências científicas que apontam que com o aquecimento global, vários vírus congelados nas regiões polares poderão ressuscitar (CHAÚQUE, 2023), sendo que a atual população não tem mais imunidade, o risco de entrarmos em contatos com esses vírus será desastroso.

Sobre essa questão, lembremos que uma das teses do advento da COVID-19 assenta-se no consumo da carne de animais silvestres sem o respetivo cuidado. Essa falta de cuidado pós em causa a vida das pessoas e de muitas economias mundiais, com maior destaque para os países cujas estruturas governamentais foram negacionistas à existência da doença e à vacinação das suas populações. Todavia, a natureza bem aproveitada é inofensiva. A indústria farmacêutica detém de vários remédios de origem vegetal e animal. No campo da medicina, muitos experimentos são feitos com base em cobaias animais.

A educação ambiental pode ser feita em vários ângulos. A solução está na procura de resposta à pergunta “quais práticas seriam mais efetivas na mediação da leitura e, particularmente, da leitura literária?”. (LOURENÇO; DAVI, 2019, p.79). Responder essa preocupação, passa por traçar vários caminhos; sendo que um deles, é a proposta temática, que pode ser adotada como uma estratégia metodológica. O professor de literatura ou de português, que é a figura encarregue na iniciação ao estudo da literatura moçambicana, deve abordar esses conteúdos, adotando a proposta temática para que se estabeleçam dialogismos entre as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e outras literaturas, como maior destaque naquelas que abordam conteúdos locais (perspectiva decolonial).

A proposta temática permitiria fazer deslocamentos em literaturas de outros quadrantes, como o dissemos, sobretudo em países com semelhanças culturais e de partilha do mesmo idioma. No caso das obras em análise, constatamos um dialogismo entre o *Nós matamos o cão tinoso* e *O alegre canto da perdiz*, pois, apesar do recurso aos animais, abordam a precariedade da condição humana dos moçambicanos, diante do sistema colonial. Um outro romance que, tematicamente, se relaciona a esses é o *Nykonkwe: a reforma da prostituta* que dentro de si desenrola um episódio que começa com a prisão e extradição da prostituta para Niassa, como campo de concentração. Um local, que pelas peculiaridades da repressão do partido-único, se pode considerar um holocausto moderno.

Uma boa proposta para fazer uma análise dialógica com os outros textos é o extrato textual de Veríssimo: “Deveríamos ter respeito/Pela natureza total/Principalmente com o animal/Que sente como nós sentimos/Até ternuras e mimos/Com os filhotes que cria/Numa bárbara covardia/Por ignorância destruímos” (VERÍSSIMO, 2023, p.11-15). Ou seja, é precioso colocar em discussão entre este texto e os outros para permitir que o aluno tire per si algumas conclusões, das quais o professor deverá o direcionar.

A partir da obra da Deusa D'África, como estratégia didática, por exemplo, cabe aos professores de literatura e da disciplina de português transcorrer vários deslocamentos para permitir que o aluno possa enxergar vários ângulos sobre a abordagem animal e não somente reduzi-la à ficionalidade ou transfigurações do mundo real (o dos humanos).

As tentativas de mudanças de paradigmas no ensino de literatura, sobretudo em aspectos de educação ambiental, começam com o rompimento do antropocentrismo e adoção da zooliteratura. Machado de Assis, em momentos que “os princípios cartesianos já tinham legitimado no Ocidente a cisão entre humanos e não humanos [escreveu, Quincas Borba; Memórias póstumas de Brás Cubas; A Sereníssima República]”. (MACIEL, 2022a, p.7). Uma postura de ode à condição dos animais num mundo dominado pela ciência, técnica e pelo triunfo do racionalismo moderno; um momento que foram mobilizadas várias espécies animais diferentes ensaios tecnológicos.

De acordo com Maciel (2022a), a partir dos anos 1930,

autores como Graciliano Ramos, João Alphonsus, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Hilda Hilst e Manoel de Barros, entre outros, marcam um novo momento, ao lidarem – cada um à sua maneira – com as relações entre homens e animais sob um enfoque empático e libertário, manifestando sua cumplicidade com esses outros vivos e atentos aos aspectos éticos que a eles dizem respeito. (MACIEL, 2022a, p.7-8).

A extinção de espécies animais, o aumento do desmatamento, a ampliação das áreas do agronegócio, a exploração de combustíveis fósseis, o degelo dos glaciares nas regiões polares, são um conjunto de alguns fatores que provocam grandes catástrofes à humanidade e o peso da questão animal torna-se premente e atual. Nesse sentido, a literatura é forçada a abrir mão para acoplar alguns campos de especialidade ou linhas de pesquisas, a saber: *zooliteratura*, *fitoliteratura*, *biopolítica* e *ecocrítica*.

Como dissemos, o ensino da literatura está ancorado em metodologias tradicionais, pois, continua a assistir-se problemas na “[...] recepção do texto literário pelo aluno; a utilização escolar do texto literário; o ensino da literatura; os modos e métodos de ensino da literatura na escola; a formação do professor de literatura; o cânone literário adotado em contexto escolar”. (LOURENÇO, 2021, p.17). Este cenário acontece em relação aos textos literários acima analisados, na medida que, a primeira questão de fundo tem a ver com a construção antropocêntrica dos mesmos, ou seja, a disposição das ações dos animais no texto, só encarnam atitudes humanas. A segunda questão relaciona-se com os aspectos levantados pela autora, que partem desde o modelo de formação do professor de literatura, das metodologias e do plano e desenvolvimento curricular da literatura, no entanto, disciplina, na qual predomina os recortes temporais a modelo

positivista. Para isso, as instituições de formação de professores devem reverberar as ferramentas metodológicas nos seus pacotes curriculares.

Com base na tese de Lourenço (2021), é importante frisar que gravitam vários aspectos em comum; realçando que o Brasil e Moçambique partilham a fronteira linguística e cultural, como herança do mesmo sistema colonial. Tal como se observa em relação ao ensino médio brasileiro, no moçambicano também se debate “a manutenção da tradicional abordagem historiográfica da literatura. Em paralelo a essa bibliografia, surgem os documentos oficiais, que atuaram legalmente nessa relação entre literatura e escola”. (LOURENÇO, 2021, p.17). O cenário educacional moçambicano é constituído por programas de ensino, plano curricular do ensino secundário formatado para que a questão animal seja vista numa perspectiva simbólica e metafórica.

## CONCLUSÕES

Dos textos de diferentes autores já analisados, constatámos o mesmo estilo de escrita: os animais são colocados como agentes que desempenham papéis estéticos (simbolismo). Esta forma de construir os textos resultado de como se ensina a literatura; os escritores reproduzem o que lhes foi ensinado. Ademais, quando se fala de ensino, logo, de forma proporcional, mexe à questão da formação do professor de literatura e, por conseguinte, conflui na dimensão curricular. Ou seja, tem-se um currículo ancorado em cânones, cujos conteúdos não passam da historiografia literária e o estudo tradicional da narrativa.

No âmbito da educação ambiental, a situação começa com a supremacia dos humanos, sobrepondo-se aos não humanos, o que é perpetuado pela relação do poder. Muitos dos humanos sentem-se donos de vários animais ou os pode, facilmente, dominar. Esta forma de pensar sobre o outro é aliciada pelo ensino da literatura, cuja estrutura curricular tem um *abc* tradicionalmente elaborado a ser seguido.

É preciso ter um olhar *zoo* para que não caiamos continuamente no reducionismo de que os animais não têm cognição; próprio de uma visão antropocêntrica. Temos que ver os animais na maneira mais detida em seus detalhes ou especificidades, considerando-os que compartilham vários sentimentos connosco. Na história da humanidade, são vários episódios que foram relatados da valentia dos animais. Lembremo-nos da Cadela Laika, a cachorra astronauta que ajudou, no século XX, a humanidade na exploração do espaço sideral.

No campo da ecocrítica, é necessário aprendermos e tomarmos atitude de desacelerarmos a superindustrialização, a corrida às armas nucleares e ao agronegócio. Só, assim, teremos um planeta saudável e com crescimento harmonioso. Este crescimento deve ter em vista as boas práticas e transferência de tecnologias não nocivas à natureza para os países menos desenvolvidos e em vias de desenvolvimento. Ao contrário, as consequências serão severas e irreparáveis.

Didaticamente, subsiste a ideia de estar alinhado com o quê o professor aprendeu nas instituições de formação, aliada à falta de ousadia de inovar o formato da aula de literatura. Este modelo de trabalhar a literatura não é libertário, o que contradiz à pedagogia histórico-crítica.

É preciso que se inove a leitura literária, tomando em conta os textos que possam produzir uma educação ambiental para a sobrevivência de todos os seres que coabitam na natureza. Nisso, devemos romper as propagandas que só valorizam os seres humanos (antropocentrismo), pois o equilíbrio ambiental depende da existência de todos. Ou seja, não há uma biodiversidade, sem os dois entes: os humanos e não humanos. Ao professor de literatura cabe-lhe a mudança de estratégia para que se concretize esses desejos em comum.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTUR, D. R. **Ngano: Contos populares da província de Manica**. Maputo: Khaiya Editores, 2013.

AUSSE, L. Saberes ancestrais. A performance do rito nas canções da dança de caça makwalo, do povo Yawo. **Impactos, desafios e perspectivas para os estudos literários africanos, afro-brasileiros e indígenas**, Manaus, v. 10, n. 20, p.42-68, 2022.

BOUCHER, C. **Quando os animais cantam e os espíritos dançam**: Gule Wamkulu: a grande dança do povo Chewa do Malawi. Blantyre: Kungoni Centro de Cultura e Arte, 2012. Disponível em: <http://encompass.eku.edu/jora/> . Acesso em: 08 jun. 2023.

CHAÚQUE, B. J. M. Fenómeno Lázaro no mundo microbiano: amebas ressuscitam vírus fósseis de 50 mil anos. **Microbiologando**. Porto Alegre: UFRGS, 2023. Disponível: <https://www.ufrgs.br/microbiologando/2023/07/> . Acesso em: 28 jul. 2023.

CHIZIANE, P. **O alegre canto da perdiz**. Maputo: Editorial Caminho, 2008.

FREITAS, S. R. F. Resenha de cães à estrada e poetas a morgue, de Deusa D'África. **Caderno Seminal Digital**, Rio de Janeiro, v. 36, n.43, p.500-5013, 2022.

AUSSE, Luís. Educação Ambiental na literature moçambicana: olhares sobre as estratégias didático-metodológicas. **Pesquisas em Discurso Pedagógico**, n.32, ago. 2023.

LOURENÇO, S. P. M. **Literatura temática no ensino médio**: princípios e orientações metodológicas. 2021. 200p. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.

LOURENÇO, S. P. M; DALVI, M. A. A mediação da leitura literária: uma proposta de metodologia temática. **Revista Graphos**, vol. 21, nº 01, 2019. Disponível em: [https://www.academia.edu/43264003/A\\_MEDIA%C3%87%C3%83O\\_DA\\_LEITURA\\_LITER%C3](https://www.academia.edu/43264003/A_MEDIA%C3%87%C3%83O_DA_LEITURA_LITER%C3). Acesso em: 08 jun. 2023.

MACIEL, M. E. Breve genealogia dos estudos de zooliteratura no Brasil. **Zooliteratura: a virada animal e vegetal contra o antropocentrismo**. Rio Grande do Sul, v. 20, n. 552, p.4-13, 2022.

\_\_\_\_\_. Nas fronteiras do humano e do não humano: Vozes animais na ficção. In: SECCHES, F. (Org.). **Depois do fim: conversas sobre literatura e antropoceno**. São Paulo: Editora Instante, p.96-108, 2022.

MUKHWARURA. **Nykonkwe, a reforma da prostituta**. Maputo: AEMO, 2010.

ROSÁRIO, L. **Contos moçambicanos do vale do Zambeze**. Maputo: Texto Editores, 2007.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica**. São Paulo: Editora Autores Associados, 2021.

TEIXEIRA, F. Um sopro do mundo animal e vegetal na literatura que desajusta o nosso “eu” antropocêntrico. **Zooliteratura: a virada animal e vegetal contra o antropocentrismo**, Rio Grande do Sul, v. 20, n. 552, p.14-32, 2022.

VERÍSSIMO, P. Devaneio ecológico. In: HOLANDA, S; HOLANDA, A. (Org.). **Revista Arte Literária**. Ceará, RN: Holandas Editora, p. 11-15, 2023. Disponível em: [https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRVF4SLnM5JC9z6SzNKAf4k\\_zkB-YQuAgagUIJchfrD&s](https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRVF4SLnM5JC9z6SzNKAf4k_zkB-YQuAgagUIJchfrD&s). Acesso em: 08 jun. 2023.

## O AUTOR

**Luís Ausse** é doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal do Espírito Santo. A sua na linha de pesquisa é *Sociedade e Alteridade*, fazendo desdobramentos em perspectivas da *Ancestralidade e Narrativas Míticas*. A sua pesquisas é amparada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES). É graduado em ensino de Português pela Universidade Pedagógica de Moçambique e mestrado em Educação pela Universidade Católica de Moçambique.

**E-mail:** luis.kwitende74@gmail.com